



O Ideário Patrimonial О идеарио

*O Carácter Epistemológico da
Cultura*



www.cta.ipt.pt

N. 13 // dezembro 2019 // Instituto Politécnico de Tomar

PROPRIETÁRIO

Instituto Politécnico de Tomar | Centro das Arqueologias

EDITORES

Ana Pinto da Cruz, Instituto Politécnico de Tomar

Doutor José d' Encarnação, Universidade de Coimbra

EDIÇÃO E SEDE DE REDACÇÃO

Instituto Politécnico de Tomar | Centro das Arqueologias

DIVULGAÇÃO

Em Linha

DIRECTORES-ADJUNTOS

Professora Doutora Teresa Desterro, Instituto Politécnico de Tomar

Professora Especialista Fernando Salvador Sanchez, Instituto Politécnico de Tomar

Doutor Gustavo Portocarrero, Faculdade de Belas-Artes, da Universidade de Lisboa (CIEBA)

CONSELHO CIENTÍFICO

Professor Catedrático Carlos Costa, Universidade de Aveiro

Professor Doutor Carlos Cupeto, Universidade de Évora

Professor Doutor André Luis Ramos Soares, Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Professor Doutor Fabio Negrino, Università degli Studi di Genova

Professora Doutora Hália Santos, Instituto Politécnico de Tomar e Directora do ESTAJornal

Professora Doutora Maria João Bom, Instituto Politécnico de Tomar

DESIGN GRÁFICO

Gabinete de Comunicação e Imagem© | Instituto Politécnico de Tomar

PERIODICIDADE

Semestral

ISSN 2183-1394

LATINDEX folio n° 23591

ANOTADA DA ERC | REGISTADA NA INPI

© Os textos são da inteira responsabilidade dos autores



Índice

EDITORIAL	06
ARA DEDICADA A JÚPITER IDENTIFICADA EM CÁRQUERE (RESENDE) José d'Encarnação & Carla Vicente	08
O PAPEL ENQUANTO SUPORTE GRÁFICO - BREVES NOÇÕES DE CONSERVAÇÃO - Joaquim Pombo Gonçalves	20
PARADIGMI VISIVI E PROCESSI COGNITIVI Massimo Squillacciotti	33
I COLORI DEL SOGNO DI GATSBY: PROPOSTA DI ANALISI SEMIÓTICA Paola Tinè	41
LENDAS E MITOS RURAIS E URBANOS DE MOÇAMBIQUE (UM MUNDO EM EXTINÇÃO?) Marco Valente	49
DIMENSÕES ENTRE A MUSEOLOGIA E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO BRASIL: CAMINHOS E TRANSFORMAÇÕES José Antônio de Sousa	73
DIDÁCTICA, ARQUEOLOGÍA PÚBLICA Y EDUCACIÓN PATRIMONIAL EN EL PARQUE MUSEO ARQUEOLÓGICO DE TUNJA – UPTC Laura López Estupiñán	87
DISCONTINUITÉ DE L'AUTHEMATICITE OU AUTHENTICITE DE LA DISCONTINUITÉ? MARRAKECH A L'ÉPREUVE DU TOURISME DE MASSE Khalid El Housni, Nabil Oursafi, Larbi Safaa, Faysal Lemjidi	99
L'INTERPRETATION DU PATRIMOINE: DU CONCEPT A L'INSTITUTION - LE CAS DU MAROC Mohamed Lazhar	114
PLACE JAMAÄ EL FNA À MARRAKECH: D'UN ESPACE UTILITAIRE À UNE VALEUR PATRIMONIALISÉE Mina El Hilali	128
UNE ÉTUDE LONGITUDINALE DE LA CLASSIFICATION DES HÔTELS SUR TRIPADVISOR. VERS UN CHANGEMENT DES STRATÉGIES DE COMMUNICATION POUR UN MANAGEMENT EFFICACE DE LA E- REPUTATION, APPLICATION AU SECTEUR DE L'HOSPITALITY AU MAROC Youssef El Azyzy	154



EDITORIAL

Os dois primeiros artigos (*Ara Dedicada a Júpiter identificada em Cárquere (Resende)*; *O Papel enquanto Suporte Gráfico - breves noções de conservação* –), ainda sobre temáticas diversas, debruçam-se sobre o valor inestimável da Epigrafia, transportando-nos para uma realidade dos tempos da ocupação Romana; enquanto, para por essa mesma razão a Conservação, Restauro e Arquivística empresta quer à História, quer à Pré-História, uma mais-valia no tocante às descobertas colocadas à vista através do suporte que minimiza prejuízos, que fariam parte do silêncio da escrita.

Já os dois artigos seguintes debruçam-se sobre correntes teóricas das Ciências Humanas e das Artes (*Paradigmi Visivi e Processi Cognitivi*; *I Colori del Sogno di Gatsby: Proposta di Analisi Semiótica*), revestindo-se de um cariz paradigmático, relativamente à imagem e à leitura, nos quais existe lugar para perspetivas cognitivo-filosófico.

Lendas e Mitos Rurais e Urbanos de Moçambique (Um Mundo em Extinção?) leva-nos para um Universo Imaginário, utilizando metodologias próprias desta área do Conhecimento, totalmente preenchido pelo afã na Protecção e Preservação do Património Imaterial da República Moçambicana.

Os artigos seguintes valem pela variada aproximação à Museologia, ao Património e ao Turismo no Brasil, na Colômbia e em Marrocos (*Dimensões entre a Museologia e Educação Patrimonial no Brasil: Caminhos e Transformações; Didáctica, Arqueología Pública y Educación Patrimonial en el Parque Museo Arqueológico de Tunja – UPTC; L'Interpretation du Patrimoine: du Concept a L'Institution - Le Cas du Maroc; Place Jamaä el Fna à Marrakech: d'un Espace Utilitaire à une Valeur Patrimonialisée*); *Une Étude Longitudinale de la Classification des Hôtels sur TRIPADVISOR. vers un Changement des Stratégies de Communication pour un Management Efficace de la E-Reputation, Application au Secteur de L'Hospitality au Maroc*). Qualquer um destes artigos aborda a Salvaguarda e Protecção dos Patrimónios, com base em correntes teóricas diversas, neles incluindo o factor económico que alavanca as economias locais de cada País.



20 de Dezembro de 2019
Ana Cruz

L'INTERPRÉTATION DU PATRIMOINE: DU CONCEPT À L'INSTITUTION - LE CAS DU MAROC

HERITAGE INTERPRETATION: FROM CONCEPT TO INSTITUTION - THE CASE STUDY OF MOROCCO

Recebido a 15 de outubro de 2019
Revisto a 10 de novembro de 2019
Aceite a 02 de dezembro de 2019

Mohamed Lazhar

Faculté des Langues, des Arts et des Sciences Humaines,
Université Ibn Zohr Ait Melloul, Morocco
molazhar@gmail.com

Résumé

La présente étude a pour objectif l'analyse de «l'interprétation du patrimoine» dans sa dimension conceptuelle, stratégique et institutionnelle. Cette démarche de médiation qui a vu le jour dans les parcs nationaux américains au début du XX^{ème} siècle est introduite ces dernières années au Maroc à travers l'édification d'un ensemble de Centres d'Interprétation du Patrimoine (CIP). Ces institutions innovantes sont mises aujourd'hui au service de l'héritage culturel et naturel de notre pays. En créant le CIP du Moyen Atlas à Azrou, le CIP du site archéologique de Volubilis et le CIP de la région du Gharb, la Direction du Patrimoine Culturel apporte une contribution majeure au processus de valorisation et de promotion de diverses composantes du patrimoine national.

Mots clés: Interprétation, Patrimoine Marocain, Médiation Culturelle, CIP

Resumo

O objetivo deste estudo é analisar a "interpretação do patrimônio" na sua dimensão conceptual, estratégica e institucional. Esse processo de mediação, iniciado nos parques nacionais americanos no início do século XX, foi introduzido nos últimos anos em Marrocos através da construção de um conjunto de Centros de Interpretação do Patrimônio (CIP). Essas instituições inovadoras agora servem o patrimônio cultural e natural de nosso país. Ao criar o CIP do Atlas Médio em Azrou, o CIP do sítio arqueológico do Volubilis e o CIP da região de Gharb, o Departamento do Patrimônio Cultural está dando uma grande contribuição ao processo de valorização e promoção de vários componentes do patrimônio nacional.

Palavras-chave: Interpretação, Patrimônio Marroquino, Mediação Cultural, CIP

Abstract

The purpose of this study is to analyze "heritage interpretation" conceptually, strategically and institutionally. This mediation process, which began in American national parks at the beginning of the 20th century, was introduced in recent years in Morocco through the construction of a set of Heritage Interpretation Centers (CIP). These innovative institutions are now serving the cultural and natural heritage of our country. By creating the Middle Atlas CIP in Azrou, the CIP of archaeological site of Volubilis and the CIP of the region of Gharb, the Cultural Heritage Department contributes to the process of enhancement and promotion of the national heritage components.

Keywords: Interpretation, Moroccan Heritage, Cultural Mediation, CIP

1. Introduction

Le patrimoine est soumis à différents processus qui permettent sa mise en valeur. En plus de la médiation culturelle, connue dans le monde muséal francophone, on voit, ces dernières années au Maroc, l'introduction d'une nouvelle approche de tradition anglo-saxonne; à savoir: «l'interprétation du patrimoine». Cette dernière a pour but, non pas seulement d'aider les visiteurs à découvrir et à comprendre le patrimoine historique et archéologique mais aussi d'associer un large public dans les opérations de sa préservation et de sa valorisation. Donner aux citoyens les outils leur permettant, d'un côté, d'apprécier leur héritage culturel et naturel et, d'un autre côté, d'être sensibilisés aux enjeux de sa conservation et de sa transmission aux générations futures est l'un des objectifs majeurs que se fixe le travail interprétatif. Ce dernier constitue ainsi un moyen incontournable de sauvegarde et de mise en valeur du patrimoine.

2. Le concept d'interprétation

De façon générale, l'interprétation¹ consiste dans le fait d'expliquer, de traduire et de rendre quelque chose compréhensible. Le terme «d'interprétation» est connu dans plusieurs domaines comme: dans le théâtre (jouer un rôle), la poésie (signification d'un poème), la danse et dans le domaine juridique (interprétation d'un décret ou d'une loi). En sémiotique, l'interprétation consiste à donner un sens à un signe, à un geste ou à une parole. Les interprètes sont des personnes qui traduisent oralement une langue vers une autre ou qui servent d'intermédiaires entre des personnes parlant différentes langues.

L'interprétation s'accompagne d'adjectifs et on parle de l'interprétation personnelle, rationnelle, cohérente, clairvoyante et arbitraire. On parle aussi de l'interprétation des rêves, de l'interprétation religieuse, philosophique et marxiste de l'histoire, etc.

2.1. L'interprétation du patrimoine

Dans le domaine du patrimoine, l'interprétation est l'approche de médiation dédiée à la mise en exergue des valeurs de l'héritage culturel dans sa diversité; à travers l'association de différents acteurs. L'histoire de l'apparition et du développement de cette approche sont intimement liées aux stratégies de médiation adoptées dans la visite des parcs nationaux américains à la fin du XIX^{ème} voire au début du XX^{ème} siècle. Dans un contexte marqué par l'urbanisation rapide que connaît le pays durant cette période, et compte tenu de l'absence de

¹ Le Dictionnaire historique de la langue française, Le Robert, p. 1043, définit ce mot ainsi:

Interprétation: n.f. emprunté (1160 - 1174) au latin classique *interpretatio* «explication, traduction», «action de démêler», dérivé du verbe latin. Son évolution est analogue à celle du verbe: «action de donner une signification», d'abord à des songes, puis à des actes, des paroles etc. (1440 - 1475); ensuite, «action d'expliquer quelque chose dont le sens est obscure» (1487). Le nom correspond aussi à interprète et à interpréter au théâtre (1853). Au sens de «traduction» où il correspondait à interprète et à interpréter, il est sorti d'usage, au bénéfice de traduction. Il a été repris au sens moderne d'interprète, concurrençant et remplaçant interprétariat, pour «action de traduire oralement et immédiatement» et «métier d'interprète» (après 1945), par exemple dans interprétation simultanée.

vestiges anciens servant comme repères identitaires, des guides spécialisés sont engagés pour l'encadrement des visites à ces parcs. Ils tiennent un discours qui permet de rattacher les citoyens américains à leur territoire et à leur patrimoine naturel. Par conséquent et en partant de cet exemple américain, il s'avère que même si la démarche d'interprétation à pour but général de valoriser le patrimoine et de sensibiliser le grand public à son importance, elle peut jouer un rôle fondamental dans la construction des identités collectives locales et être, en définitive, au service de l'idéologie communicationnelle.

L'interprétation est définie par Freeman Tilden, qui, à la demande des parcs nationaux américains, écrivait en 1957 un ouvrage de référence intitulé *Interpreting our heritage (L'interprétation de notre patrimoine)*² : «L'interprétation est une activité qui veut dévoiler la signification des choses et leurs relations par l'utilisation des objets d'origine, l'expérience plus tard dans les musées et centres d'interprétation, étant au service du projet éducatif de l'exposition des objets et des artefacts.»³personnelle ou divers moyens d'illustration plutôt que par la communication d'une simple information sur les faits.»⁴

A travers cette définition, on peut retenir ces idées principales:

Le travail d'interprétation vise la présentation des spécificités des biens culturels et naturels en dévoilant leurs significations.

Les objets d'origines sont utilisés dans le travail interprétatif et sont accompagnés de divers moyens d'illustration.

Le visiteur est impliqué dans l'opération d'interprétation grâce au partage des expériences personnelles.

Par ailleurs et même si l'étude de Tilden est orientée principalement vers une partie du patrimoine (à savoir le patrimoine naturel représenté par les parcs nationaux américains), elle constitue un socle de base en énonçant les principes de l'interprétation⁵.

² Tilden F., *Interpreting Our Heritage: Principles and Practices for Visitor Services in Parks, Museums, and Historic Places*, University of North Carolina Press, 1957. 110 pages

³Jacobi, D. et Meunier A. 1999. «L'interprétation: variations sur le thème du patrimoine» dans *Lettre de L'OCIM*. No 61. Pp 4-5.

⁴ Bousquet O., Centre d'interprétation de l'architecture et du patrimoine, mode d'emploi, éd. par Le ministère de la culture et de la communication, direction de l'architecture et du patrimoine, Imp. Par Atimco, Combourg, 2007, p.12 [En ligne], consulté le 20.06.2016

⁵L'interprétation se fonde historiquement sur une série de principes énoncés par Freeman Tilden, dans le contexte de valorisation du patrimoine naturel à la fin des années 1950, aux États-Unis. Il a établi six principes qu'il présente ainsi:

Toute interprétation d'un paysage, d'une exposition ou d'un récit qui n'en appelle pas d'une façon ou d'une autre à un trait de la personnalité ou de l'expérience du visiteur est stérile.

L'information seule n'est pas de l'interprétation. Celle-ci est une révélation basée sur l'information. Les deux choses sont totalement différentes, mais toute interprétation présente des informations.

Quand l'approche d'interprétation est adoptée, par la suite, dans d'autres contrées du monde (En Europe occidentale et ensuite en Afrique du Nord), il s'avère qu'elle n'est plus liée uniquement au patrimoine naturel. Que ce soit en France où au Maroc, on a élargit le champ du travail interprétatif pour devenir un outil de médiation dans des institutions culturelles et dans des sites archéologiques et historiques. *«Née dans le contexte des parcs naturels américains, la notion d'interprétation du patrimoine s'est ensuite étendue pour désigner le caractère herméneutique des expériences de visite dans les sites du patrimoine (naturel, monumental), et*

Ainsi et en plus de la définition de Tilden de 1957, d'autres définitions⁶ sont aujourd'hui données à l'interprétation. D'après le Ministère des loisirs, de la chasse et de la pêche (Québec): *«L'interprétation est un processus qui vise à communiquer au public la signification et la valeur du patrimoine naturel et culturel, en impliquant directement l'individu*

L'interprétation est un art qui en combine beaucoup d'autres, que la matière première soit scientifique, historique ou architecturale. Tout art peut s'enseigner dans une certaine mesure.

L'interprétation cherche à provoquer (éveiller la curiosité) plus qu'à instruire.

L'interprétation doit tâcher de présenter un tout plutôt qu'une partie et s'adresser à l'homme tout entier plutôt qu'à une de ses caractéristiques.

L'interprétation pour les enfants ne doit pas être une dilution de celle qu'on présente aux adultes. Elle doit suivre une voie fondamentalement différente. Elle donnera ses meilleurs résultats si elle obéit à un programme distinct.

⁶*Voir les autres définitions de l'interprétation).*

D'après la charte ICOMOS pour l'interprétation et la présentation des sites culturels patrimoniaux, l'interprétation renvoie à l'ensemble des activités potentielles destinées à augmenter la conscience publique et à renforcer sa compréhension du site culturel patrimonial. Ceci peut inclure des publications, des conférences, des installations sur site, des programmes éducatifs, des activités communautaires ainsi que la recherche, la formation et l'évaluation permanente du processus même d'interprétation.

D'après le SHARPE (USA), l'interprétation fait le lien par différents moyens de communication, entre le visiteur et les ressources naturelles et culturelles.»

D'après le Don Aldridge (Grande-Bretagne), l'interprétation est l'art d'expliquer la place de l'homme dans l'environnement pour rendre le visiteur conscient de l'importance des relations qui en découlent et pour éveiller un désir de contribuer à la conservation de l'environnement.» Le slogan d'Aldridge: "Provoquer, mettre en relation, révéler".

D'après le Service Canadien des Parcs (Région du Québec), l'interprétation est l'action de donner une signification et une explication à des phénomènes naturels et historiques par des expériences, des objets et des médias appropriés. Cette interprétation vise à provoquer le visiteur, à le sensibiliser et à le rendre conscient de la place qu'il occupe dans l'espace et dans le temps.»

D'après l'office de la langue française, l'interprétation est la méthode de sensibilisation qui consiste à traduire, pour un public en situation, les signes extérieurs de la valeur et de l'importance du patrimoine culturel, naturel ou autre, et de ses liens avec l'être humain, en ayant recours à des moyens qui font d'abord appel à l'appréhension, c'est-à-dire qui mènent à une forme vécue et descriptive de la connaissance plutôt qu'à une forme rigoureusement rationnelle.»

dans des contextes en vue de le rendre conscient de la place qu'il occupe dans l'environnement (dans l'espace et dans le temps).»⁷

Cette définition met l'accent à la fois sur le rôle de la communication et sur l'implication des individus dans l'activité interprétative. Le contexte a aussi un rôle déterminant dans les tendances prise dans cette activité communicative. *«Interpréter la nature ou le patrimoine dans son ensemble oblige à utiliser les voies de la communication. Toutefois, cette jeune science se déleste rapidement de ses caractéristiques 'alchimique' pour imposer certaines exigences. Si l'on considère qu' "interpréter, c'est communiquer", il s'agit avant tout de bien se connaître, et de savoir à qui l'on s'adresse. Les étapes suivantes détermineront ce qu'il faut dire et comment le dire.»⁸*

L'interprétation est une pratique interdisciplinaire qui se trouve au cœur de la rencontre de trois éléments: le patrimoine, le public et l'interprète du patrimoine. La mission de ce dernier peut se résumer ainsi: *Faire découvrir l'environnement naturel en y incluant la place de l'homme, le faire aimer, et inciter à sa conservation.*⁹

Partant de l'ensemble de ces définitions de l'interprétation et de sa destination dans le domaine de la culture, on peut retenir ces trois idées principales:

Le concept d'interprétation du patrimoine a connu graduellement une extension sémantique en intégrant les milieux culturels après avoir pris naissance dans les milieux naturels.

L'interprétation consiste à faire découvrir les valeurs de différentes catégories du patrimoine (culturel/naturel- matériel/immatériel) et à donner les clés de leur connaissance.

Elle tend à impliquer directement le visiteur dans le processus de communication des valeurs du patrimoine en le mettant au centre de l'activité interprétative à travers le partage des expériences.

1.2. La médiation culturelle

De façon générale, la médiation culturelle est une stratégie de communication au sein de l'espace public, qui fixe comme objectif le rapprochement du social au culturel ou la conciliation des acteurs de la culture et des visiteurs. Elle s'inscrit dans une logique de démocratie culturelle en visant l'accessibilité de tous à la culture et la valorisation de la diversité culturelle par le soutien de la créativité. En étant une démarche globale orientée vers le public, la médiation culturelle ne se limite pas à des expositions patrimoniales ou à des expressions artistiques, sinon qu'elle les dépasse pour créer une synergie entre les dimensions politiques, institutionnelles et historiques d'une société. *«La médiation culturelle ne s'inscrit pas seulement dans des pratiques et dans des œuvres: elle s'inscrit aussi dans des logiques politiques et dans des logiques institutionnelles. (...) La médiation culturelle, fonde, dans le passé, le présent et l'avenir, les langages par lesquels les hommes peuvent penser leur vie*

⁷ Dumas M., La démarche d'interprétation du patrimoine, de la théorie à la pratique, Les Cahiers Techniques, janvier 1990- octobre 1999, p.7 [En ligne, consulté le 10.06.2016).

⁸ Dumas M., *Ibidem*, p.3

⁹ Dumas M., *Ibidem*, p.3

sociale, peuvent imaginer leur devenir, peuvent donner à leurs rêves, à leurs désirs et à leurs idées les formes et les logiques de la création.»¹⁰

La médiation culturelle garantit ainsi une dialectisation des formes collectives et des représentations singulières.¹¹ Afin d'articuler le culturel et le social, elle déploie des stratégies d'intervention diverses qui permettent la rencontre du patrimonial/culturel et de l'humain/social dans l'espace public.

En muséologie, cette articulation passe par un travail d'éclaircissement mené sur la signification et la symbolique des objets exposés. Cela permet de créer un lien entre le public du musée et l'exposition. A cet effet, divers moyens d'illustration et de communication sont ainsi mis en œuvre. «*La médiation désigne essentiellement toute une gamme d'interventions menées en contexte muséal afin d'établir des ponts entre ce qui est exposé (le voir) et les significations que ces objets et sites peuvent revêtir (le savoir). La médiation cherche quelquefois aussi à favoriser le partage des expériences vécues entre visiteurs dans la sociabilité de la visite, et l'émergence de références communes. Il s'agit donc d'une stratégie de communication à caractère éducatif qui mobilise autour des collections exposées des technologies diverses, pour mettre à la portée des visiteurs des moyens de mieux apprendre certaines dimensions des collections et de partager des appropriations.»¹²*

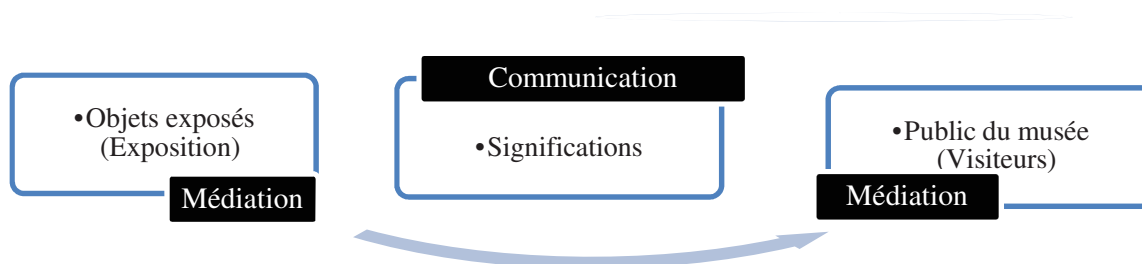


Figure 1. Processus de la médiation culturelle muséale. Source: L'Auteur

A travers ce schéma, on peut dire que la médiation culturelle est un processus qui se développe en trois moments approuvant comme intermédiaire la communication:

Le premier concerne le rapport entre les objets exposés et leur signification. C'est un moment opportun pour méditer et réfléchir sur les valeurs, les symboliques et les allusions de ces objets ; qui doivent se trouver derrière leur choix dans l'exposition (Valeurs historiques, identitaires, sociologiques, esthétiques, artistiques et scientifiques).

Le second consiste dans le médium utilisé et la stratégie de communication mise en œuvre en elle-même afin de rendre l'exposition compréhensible (Panneaux, cartels, vidéo-projection etc.).

Le troisième concerne le rapport entre les objets, leurs significations et les visiteurs. C'est un moment fort où on vise nouer les liens affectifs et identitaires du public avec les objets du patrimoine en connectant davantage le champ social au champ patrimonial.

¹⁰ Lamizet B., *La médiation culturelle*, L'Harmattan, Paris, 2000.

¹¹ Lamizet B., *Ibidem*, p. 10

¹² Desvallées A., & Mairesse F., *Concepts clés de muséologie*, Armand Colin, 2010, p. 45

La communication et ses moyens sont ainsi sollicités au sein de ce processus puisqu'ils accompagnent le monde des «significations» qui se trouve en amont de la médiation et le monde des « affections » qui se trouve en son aval.



Figure 2. Phases de la médiation. Source: L' Auteur

1.3. L'interprétation du patrimoine et la médiation culturelle

Le paysage culturel et muséal francophone connaît aujourd'hui l'utilisation de deux démarches de médiation dans l'espace public qui semblent très proches l'une de l'autre: l'interprétation du patrimoine et la médiation culturelle. Très présente dans le monde anglophone des musées et dans les sites nord-américains, «l'interprétation du patrimoine» est venue graviter autour de la médiation culturelle vue que les deux démarches sont orientées vers le public et visent le rapprochement du social au patrimonial, ou l'accueil et l'appréciation du patrimoine par la société. Le côté patrimonial est représenté par un site historique, une salle d'exposition, un parc naturel alors que le côté social est représenté par les visiteurs et par l'homme dans ses interactions avec son environnement naturel et culturel. «Comme la médiation, l'interprétation suppose un écart, une distance à surmonter entre ce qui est immédiatement perçu et les significations sous-jacentes des phénomènes naturels, culturels et historiques; comme les moyens de médiation, l'interprétation se matérialise dans des interventions humaines (l'interpersonnel) et dans des supports qui s'ajoutent à la simple monstration (display) des objets exposés pour en suggérer les significations et l'importance. »¹³

Pouvant faire partie de l'approche globale de médiation culturelle, l'interprétation vise le rapprochement du patrimoine d'une population qui n'a pas reçu les moyens pédagogiques, scientifiques et socioculturelles nécessaires à son accès. Elle ne permet pas seulement de révéler le sens des objets, des œuvres, des lieux et des événements sinon qu'elle consiste aussi à faire vivre une expérience de qualité aux visiteurs et à susciter chez eux une réflexion critique et une prise de conscience à l'égard de ce qui est interprété.

Si on traduit les deux termes en arabe, on peut estimer que l'interprétation (تفسير أو تعريف) peut servir comme un outil à la médiation (وساطة). Cela veut dire que l'objectif ou la stratégie globale de médiation peut se baser sur la démarche spécifique d'interprétation. En français, le terme de médiation se trouve lié à la culture en tant que champ général (médiation culturelle). Quant au terme de l'interprétation, il est lié au patrimoine en tant que champ spécifique de la culture (interprétation du patrimoine).

¹³ Desvallées A., & Mairesse F., *ibidem*, p. 45



Figure 3. Rapports entre l'interprétation du patrimoine et la médiation culturelle. Source: L'Auteur

Les musées et les CIP, en tant qu'institutions publiques, entretiennent des rapports réciproques avec la médiation et l'interprétation. Ils sont à la fois des lieux d'incarnation et d'usage de ces stratégies. En se basant sur des moyens muséographiques: des panneaux textuels et graphiques, des objets, des collections, des discours et des projections audiovisuelles, le travail d'interprétation entretient des liens étroits avec le travail muséologique.

3. L'institution du «Centre d'Interprétation du Patrimoine (CIP)»

De façon générale, le centre d'interprétation du patrimoine est une institution culturelle, scientifique et pédagogique ayant pour objectif la mise en valeur du patrimoine culturel et naturel. Il constitue un espace de médiation qui permet la rencontre des acteurs du patrimoine et du public dans l'intérêt manifesté envers la valorisation du patrimoine et l'appui de la durabilité de l'action et du dynamisme culturels.

En France, on parle du CIAP (Centre d'Interprétation de l'Architecture et du Patrimoine) qui est défini en 2007 par le Ministère de la culture et de la communication avec ces mots: «*Le Centre d'Interprétation de l'Architecture et du Patrimoine (CIAP) est un équipement culturel de proximité ayant pour objectif la sensibilisation, l'information et la formation de tous les publics à l'architecture et au patrimoine de la ville ou du pays concerné. Créé en articulation avec les autres équipements culturels de la collectivité territoriale (musée, médiathèque, centre d'urbanisme, etc.), il contribue à compléter le maillage culturel du territoire. Lieu d'information et de pédagogie, le CIAP s'adresse en priorité aux habitants de la ville et de la région, mais également aux touristes.*»¹⁴

Au Maroc, le CIP peut être défini comme un établissement culturel conçu pour compléter le maillage des institutions dédiées à la préservation et à la valorisation du patrimoine national. Pourvu d'une exposition ouverte au public, le CIP fixe comme objectif non pas seulement l'information et la sensibilisation des visiteurs à l'importance du patrimoine marocain mais aussi leur association au travail interprétatif à travers le partage des expériences et la manifestation de l'engagement envers la promotion de l'héritage culturel commun.

On peut ainsi considérer le CIP comme un espace culturel qui contribue, à côté d'autres établissements, à la dynamique culturelle et patrimoniale des villes marocaines. Il met en résonance les objets du patrimoine avec les émotions du public, leur sensibilité en ayant

¹⁴ Bousquet O., *Centre d'interprétation de l'architecture et du patrimoine, mode d'emploi*, éd. par Le ministère de la culture et de la communication, direction de l'architecture et du patrimoine, Imp. Par Atimco, Combourg, 2007, p. 8 [En ligne], consulté le 20.06.2016

comme particularité la volonté de pousser le visiteur dans son rapport avec les lieux de mémoire ; à se souvenir de ses expériences plutôt qu'à faire leur découverte.

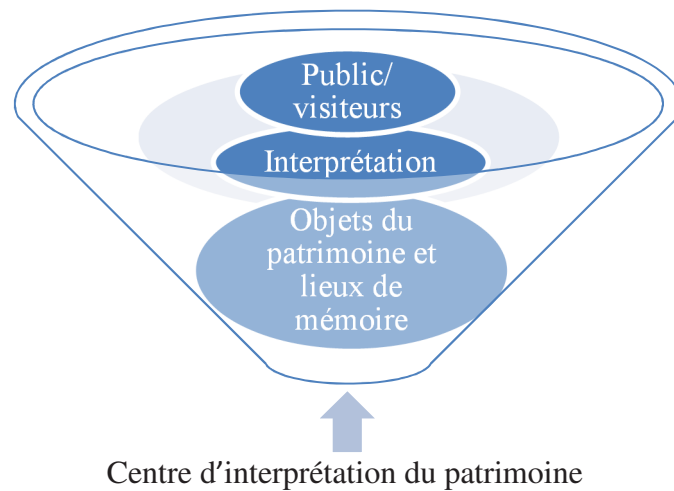


Figure 4. Processus de l'interprétation. Source: L'Auteur

Cette figure nous permet de constater que le travail interprétatif est destiné à la fois au public et au patrimoine. Ses objectifs consistent généralement dans l'information et l'association du public, la valorisation du patrimoine, la sensibilisation à sa fragilité et la formation des jeunes.

Information et association du public: Le CIP s'adresse au grand public pour faire connaître les dimensions identitaires, culturelles et touristiques du patrimoine. En plus de l'information, le CIP est un espace où le visiteur peut prendre l'initiative afin de partager ses expériences à caractère patrimonial en rappelant le rôle des conditions et des données géographiques, historiques, politiques, techniques, religieuses, ethnologiques et socio-économiques qui interviennent dans la construction d'un patrimoine.

Formation des jeunes: Lieu de formation et de pédagogie, le CIP constitue un véritable espace de médiation. Il met à la disposition des visiteurs; notamment les jeunes, les moyens qui leur permettront d'enrichir leurs connaissances sur le patrimoine.

Valorisation du patrimoine: Le CIP met en valeur les différentes composantes du patrimoine. Il favorise ainsi le développement culturel et touristique ainsi que la durabilité de la culture patrimoniale.

Sensibilisation à la fragilité du patrimoine: Le CIP constitue un lieu privilégié de sensibilisation sur les valeurs du patrimoine, sur l'importance de sa transmission aux générations futures et sur la fragilité des écosystèmes et des ressources naturelles.

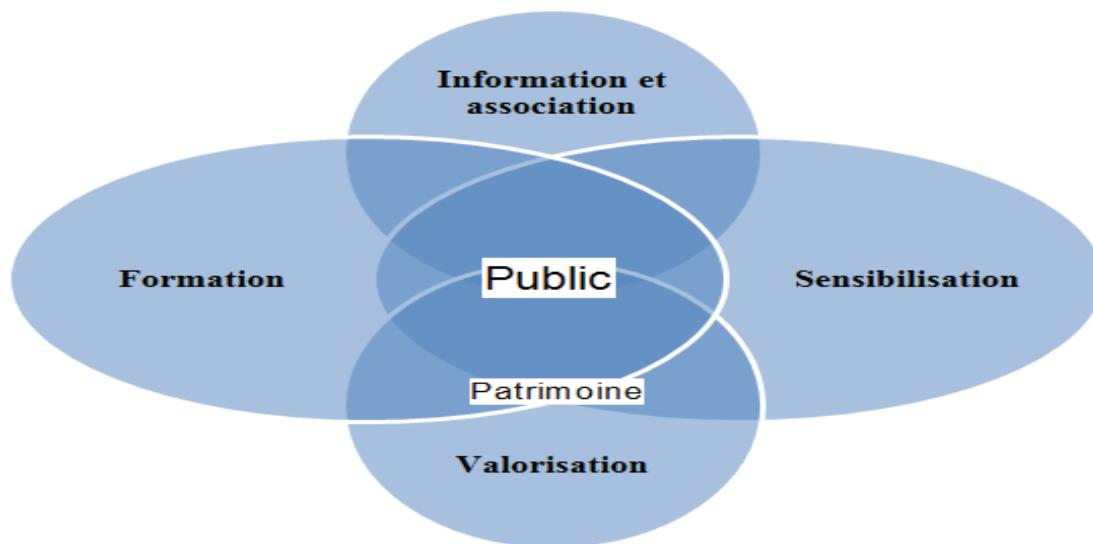


Figure 5. Objectifs du CIP. Source: L'Auteur

4. Les centres d'interprétation du patrimoine au Maroc

La politique de création des CIP au Maroc n'est pas ancienne. Elle date des dernières années¹⁵ et s'inscrit dans le cadre du renforcement du champ des institutions dédiées à la préservation, à la promotion et à la valorisation du patrimoine national. Ce type d'institution est apparu suite à la passation des musées, qui étaient sous la tutelle du Ministère de la Culture, à la Fondation Nationale des Musées (FNM créée en 2011). Cette passation a poussé les responsables de la Direction du Patrimoine Culturel (DPC), conscients de leurs engagements envers la préservation et la valorisation du patrimoine national, à réfléchir sur de nouvelles stratégies de gestion et du développement du patrimoine culturel national. Ils ont choisi ainsi de créer des *Centres d'Interprétation du Patrimoine*; un choix dicté à la fois par la richesse et à la diversité du patrimoine marocain et la nécessité de rassembler tous les efforts pour sa sauvegarde et sa mise en valeur.

Généralement, on compte, à nos jours, trois grands Centres d'Interprétation du Patrimoine (CIP) au Maroc: le premier à Azrou dédié au patrimoine du Moyen Atlas, le deuxième à Volubilis dédié au prestigieux site archéologique et le troisième en cours de réalisation à Kenitra consacré à la région du Gharb. On a aussi d'autres centres comme celui de la *Kasbah de Chefchaouen*, de *Ksar Sghir* et de *Sidi Mandri* à Tetouan. La création de ces centres par le Ministère marocain de la Culture a permis, en effet, d'enrichir le champ des institutions culturelles nationales.

¹⁵ A partir de 2011; année de la création de la Fondation Nationale des Musées, la politique du Ministère de la Culture est allée dans le sens de créer des CIP afin d'enrichir le paysage patrimonial et culturel marocain et d'adopter de nouvelles approches permettant la valorisation du patrimoine national.

3.1. Le Centre d'Interprétation du Patrimoine du Moyen Atlas à Azrou



Figure 6. La salle dédiée au patrimoine archéologique au Centre d'Interprétation du Patrimoine du Moyen Atlas. Source: L'Auteur

Ce centre fait partie d'un grand complexe culturel incarné par le Centre Culturel d'Azrou. Ce dernier comporte deux médiathèques (pour adultes et enfants), une salle d'expositions, une salle de conférences, une salle d'informatique et des salles d'ateliers.

Le centre d'interprétation du patrimoine du Moyen Atlas est une institution culturelle scientifique et pédagogique œuvrant pour faire connaître le patrimoine naturel et culturel du Moyen Atlas. Le pavillon du patrimoine naturel dans ce centre met l'accent sur la géologie de la région, sa faune, sa flore, ses sources d'eau ainsi que ses paysages naturels.

Quant au patrimoine culturel immatériel, il est représenté par un ensemble d'objets couvrant les différents composants ethnographiques; à savoir: les bijoux, le costume, les tapis, les instruments de musique ainsi que la transhumance.

Le patrimoine archéologique est représenté par un ensemble d'objets exhumés dans des sites fouillés dans la région au début de ce siècle en suivant une chronologie qui commence avec la préhistoire (qui couvre une grande partie de l'exposition), en passant par la période antique et enfin la période islamique.

3.2. Le Centre d'Interprétation du patrimoine de Volubilis

Ce centre est implanté juste à droite de l'entrée principale du fameux site archéologique. Créé en 2017, il représente à la fois le site ainsi que ses vestiges à travers une exposition qui comprend des objets de différents matériaux (pierre, céramique, verre, etc.). Il s'agit de sculptures, de chapiteaux, de mosaïques, d'amphores, de jarres et de bouteilles exhumés grâce aux différentes campagnes de fouilles menées dans le site. Ce centre offre aux visiteurs deux

parcours: un parcours général/ introductif dans l'espace inférieur (parvis bas) et un autre spécifique/ d'approfondissement dans l'espace supérieur.¹⁶

Le premier, dans le parvis bas, s'articule autour de Volubilis d'un point de vue historique, humain, politique, économique et architectural. Il concerne la chronologie des événements de l'histoire, les tribus de la région, l'occupation romaine et les ressources qui ont contribué au développement de la ville.



Figure 7. Thématique de l'eau au Centre d'Interprétation du patrimoine de Volubilis. Source: L'Auteur

Le deuxième, dans la galerie supérieure, met l'accent sur des thématiques précises. Il est destiné aux visiteurs qui désirent dépasser le cadre général du site pour approfondir leur connaissance dans l'un ou l'autre des thèmes proposés concernant les techniques de construction dans la ville, son approvisionnement en eau potable, les espaces publics et domestiques construits et les travaux de fouilles anciennes.

Les éléments muséographiques mis en œuvre vont des objets archéologiques aux textes en passant par des photos, des plans, des restitutions virtuelles et des projections audiovisuelles. Au niveau architectural, une attention particulière est accordée à l'aspect de la galerie et du bâtiment du CIP en général. «*La salle est suspendue sur des piliers massifs et entourée de façades vitrées. Cette position permet au visiteur d'admirer le paysage et les ruines du site tout en découvrant les collections, les objets et les projections proposées.*»¹⁷

¹⁶ Voir: Atki M. «Le centre d'interprétation du patrimoine de volubilis: un projet de grande qualité», in Patrimoine marocain, revue *ALINSAP* n° 5, Décembre 2016.

¹⁷ Atki M., *Ibidem*, p. 6.

3.3. Le Centre d'Interprétation du Patrimoine du Gharb

Ce centre est en cours de réalisation. Il abritera une exposition dédiée au patrimoine de la région du Gharb que ce soit dans sa dimension naturelle, culturelle que coloniale. Le parcours muséographique est en cours de finalisation en raison de différents défis liés à la structure du bâtiment, à son emplacement et au parcours muséographique souhaité.

Conclusion

L'interprétation du patrimoine est une forme de médiation qui vise, en premier lieu, la satisfaction des attentes des visiteurs. Elle ne consiste pas uniquement à leur présenter des informations culturelles et scientifiques sinon à les associer dans le travail interprétatif en leur permettant de vivre des expériences, de revivifier leur mémoire et d'appréhender l'intérêt de conserver et de protéger le patrimoine.

Par rapport à la médiation culturelle, l'interprétation du patrimoine constitue une branche, étant donné que la culture englobe, en plus du patrimoine, les arts, les lettres, les sciences, les modes de vie, les lois, les traditions, les croyances et les systèmes de valeurs.

Le choix qui est fait par la Direction du Patrimoine Culturel au Maroc de créer des CIP s'avère très pertinent puisque ce type d'institutions est sollicité aujourd'hui par d'autres organismes ministériels. A citer ici par exemple le Centre d'Interprétation de la Civilisation de l'eau au Maroc créé à Marrakech par le Ministère des Habous et des Affaires islamiques. En plus, une conception est faite aussi du CIP de Jbel Ighoud en ayant pour objectif la valorisation de ses trouvailles, notamment les restes osseux de l'ancien Homo Sapiens découvert dernièrement dans ce site de renommée mondiale. A cela s'ajoute aussi le projet du CIP du site de *Sigilmassa* ; une ville historique qui a joué un rôle très important dès le Moyen Age Central dans le commerce transsaharien.

Références

- Atki M. (2016). Le centre d'interprétation du patrimoine de volubilis: un projet de grande qualité. Patrimoine marocain, revue *ALINSAP* n° 5, Décembre 2016, 6.
- Bousquet O. (2007). *Centre d'interprétation de l'architecture et du patrimoine, mode d'emploi*. Le ministère de la culture et de la communication, direction de l'architecture et du patrimoine (Éd.) Imp. Par Atimco, Combourg. [En ligne], [consulté le 20.06.2016].
- Desvallées A., & Mairesse F. (2010). *Concepts clés de muséologie*. Armand Colin.
- Dumas M. (1999). La démarche d'interprétation du patrimoine, de la théorie à la pratique. *Les Cahiers Techniques*, janvier 1990- octobre 1999. [En ligne, consulté le 10.06.2016].
- Jacobi D. & Meunier A. (1999). L'interprétation: variations sur le thème du patrimoine. *Lettre de L'OCIM*. n° 61.
- Lamizet B. (2000). *La médiation culturelle*, L'Harmattan, Paris.
- Tilden F. (1957). *Interpreting Our Heritage: Principles and Practices for Visitor Services in Parks, Museums, and Historic Places*. University of North Carolina Press, 110 p.

